



JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVI nº 121, novembro / dezembro - 2023

60
Anos

NARRATIVAS DA VIDA. O PERSONAGEM DO ROMANCE.

Ronaldo Costa Fernandes

Na escassa bibliografia que trata apenas do personagem, Philippe Hamon tentou abordar o personagem dentro do romance de Zola. Embora seu esforço para construir uma teoria do personagem estivesse subjacente ao estudo, Hamon se apoiou somente numa expressão reduzida do comportamento do personagem zoliano. Buscou procedimentos, comportamentos repetitivos, isolou caracteres, analisou modelos de forma que, infelizmente, ainda que não diminua seu trabalho, reduziu-se à esfera romanesca do naturalismo do autor francês. Sua intenção, como ele mesmo afirma em seu livro, não é tratar da psicologia do personagem, uma psicologia social, ou de uma estética, campos de atuação de Michel Zeraffa. Mas

... privilegiar um estudo que dê conta do personagem como objetivo de uma estética romanesca, estudo que, contudo, poderá integrar, mas sem privilegiar, o ponto de vista do autor da criação, logo, igualmente e por esse ângulo, uma certa concepção do personagem histórica e ideologicamente datada. Simplesmente, nós escolheremos chegar a essa determinação histórica e ideológica assimilando a um tipo e pacto de comunicação (comunicação realista – plausível – pedagógica) e a um estilo de época (a escritura artista-impressionista), antes que um dado filosófico ou moral.¹

¹ “Notre intention est plutôt de nous situer sur un terrain autre que celui d’une psychologie sociale, ou d’une esthétique, terrains qui sont ceux de M. Zeraffa, pour privilégier une étude qui rende au personnage sa détermination d’objet stylistique romanesque, étude qui cependant pourra intégrer, mais sans privilégier, le “point de vue” de l’auteur sur sa création, donc, également et par ce biais, une certaine conception du “personnage” historiquement et idéologiquement datée. Simplement, nous choisirons d’accéder à cette détermination historique et idéologique en l’assimilant à un type et pacte de communication (communication realiste – vraisemblable – pédagogique) et à un style d’époque (l’écriture artiste-impressionniste), plutôt

Hamon entende, como vários outros, o ideológico como sinônimo de ideias e, aqui, as ideias do autor e não como um sistema de operação que é traiçoeiro até mesmo para o criador revelando contradições sobre o que ele expressa e até mesmo escreve.

Outro que estuda apenas o personagem é Vicent Jouve, teórico da leitura. Seu livro não se afasta tanto, ele reconhece, do estruturalismo, mas acrescenta que sua vocação é o estudo da recepção do personagem pelo leitor. Não deixa de incluir a psicanálise, o cinema e outras manifestações que influem e interferem na captação da imagem do personagem durante a leitura. O estudo da recepção não se opõe à aproximação imanente, é complemento indispensável. Sem categorias não se pode pensar a experiência, segundo ele.

Nosso estudo não despreza a interpretação e o modo como o leitor é afetado pela leitura. Tampouco despreza a psicanálise. Mas há diferenças. A psicanálise, para Jouve, tende à apreensão do leitor, enquanto nós trabalhamos com a produção e recepção. Além de tratar a psicanálise não apenas do ponto de vista freudiano ou da terapia convencional, mas incluindo aí a ideologia, a sociologia e as manifestações míticas. A angustiada produção da fábula nos interessa tanto quanto a “leitura” internalizada pelo leitor. O personagem é uma simbiose de projeções mentais profundamente arraigadas na produção da mitologia pessoal e social.

Da mesma maneira não descartamos as teorias da leitura dos hermenutas como Jauss, Iser e Ricoeur sobre o impacto do leitor, incluímos também aí as projeções idea-

qu’à une donnée philosophique ou morale.” HAMON, Philippe. Le personnel du roman. Le système des personnages dans les Rougon-Macquart d’Emile Zola. Genève: Droz, 2011. p. 14.

listas feitas pelos leitores em relação aos autores. Da mesma forma que vimos os efeitos das projeções do texto sobre o leitor, também queremos enxergar um comportamento mítico e múltiplo no promotor da emissão da leitura: o autor, como ser social e sua ontologia. Nosso propósito seria também entender esses dois elementos, autor e leitor, como “personagens”, um ao produzir o texto ficcional e outro a cumprir uma tarefa que sem ela não existe a literatura.

O livro de Jouve, pelo próprio título, já explicita sua concepção e sua intenção de estudo: o efeito que o personagem provoca no leitor. É o livro mais completo sobre o personagem a que tive acesso, aí incluindo o estudo sobre o personagem levado a cabo por Michel Zeraffa. Embora mais didático, mais “estruturalista”, mais comprometido com a leitura, o livro de Jouve é provocativo e aponta para várias questões inquietantes relativas ao nosso tema.

Já havia escrito três quartos do livro quando tomei conhecimento de Jouve. Nossa concepção do efeito da psicanálise em certas horas converge, em outras toma caminhos diferentes. Nossa visão trabalha com a sistemática produção do autor – não a sua intenção – e com o mecanismo de engano de toda produção mitológica e inconsciente. O certo é

Continua na pag. 2

TAJ MAHAL

Danilo Gomes

que não conheço até agora livro mais completo do que *L'effet-personnage dans le roman*², apesar de minha discordância com tantas formalizações, esquemas e gráficos.

Operando apenas com a análise do personagem, Zérafra investe pesadamente na tentativa de apreender o fenômeno da passagem de uma figura de papel, um ator, um representante de um comportamento humano, e adentrar-se na psicologia do personagem, tanto e convicentemente, até que ele se torne uma pessoa. Buscou o recorte de quarenta anos dos romances vanguardistas do século passado e que fez uma revolução, das maiores, na expressividade romanesca (nada mais nada menos do que os romances de Joyce, Proust, Mann, Gide, Kafka e os outros da modernidade). Uma das grandes teses de Zérafra é que modificando a psique dos personagens logo haveria uma mudança de expressão estética. A interiorização do personagem levou a maior complexidade experimental e expressional. A necessidade de aprofundar-se na mente dos personagens, torná-los mais vizinhos a nós, fazê-los íntimos e densos, levou a uma estética mais pessoal e a estética do século XIX não podia mais comportar ou representar esse mergulho no inconsciente do personagem.

... nosso estudo conjuga duas pesquisas: uma de ordem psicossociológica – tendo por objeto a pessoa – e outra de caráter estético – tomando por objeto a vida das formas. Associando essas duas pesquisas, nossa maneira de proceder irá distinguir-se daquela do sociólogo, que, com justiça, concebe o romance como o signifiante privilegiado do estado de uma sociedade, e pode descobrir relações ne-

cessárias entre as estruturas de uma obra e os traços essenciais de um momento de uma civilização; distinguir-se-á também daquela do psicólogo que, legitimamente, encontra num romance a descrição de fatos psíquicos. De nossa parte, consideramos a pessoa, mas no romance; isto é, tal como a traduz uma linguagem que tem suas próprias leis e estruturas, a linguagem de uma arte.³

Não nos interessa, como vários já fizeram, estudar o personagem como percurso ou historiar sua trajetória. Não apenas o bom e despretensioso livro de Forster, as manifestações folclóricas em Propp e as categorias dos estruturalistas, apontaram para uma tipologia do personagem, o que muito contribui para o conhecimento do surgimento das figuras no texto. Várias tentativas de criar uma tipologia para os personagens já existiram, mesmo no florescer do gênero romanesco. Elas esclarecem e ajudam a classificação, mas não resolvem, para nós, o problema do fenômeno do personagem, sua caracterização como elemento visceral da obra de arte literária, instrumento de prática e exercício de fabulação. Logo nas primeiras manifestações dos grandes romances do século XVIII, “Johnson chamava ‘personagens de costumes’ e ‘personagens de natureza’”, definindo com a primeira expressão os de Fielding, com a segunda os de Richardson:

Há uma diferença completa entre personagens de natureza e personagens de costumes, e nisto reside a diferença entre as de Fielding e as de Richardson. As personagens de costumes são muito divertidas; mas podem ser mais bem compreendidas por um observador superficial do que as de natureza, nas quais é preciso ser capaz de mergulhar nos recessos do coração humano. (...) A diferença entre eles (Richardson e Fielding) é tão grande quanto a que há entre um homem que sabe como é feito um relógio e um outro que sabe dizer as horas olhando para o mostrador⁴.

3 ZÉRAFFA. Michel. *Pessoa e personagem*. O romanesco dos anos de 1920 aos anos de 1950. Tradução Luiz João Gaia e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 9.

4 Citado por Antonio Candido ap. CANDIDO,

Continua na pag. 3

Soneto do Mês



SONETO

Dante Milano

O amor de agora é o mesmo amor de outrora
Em que concentro o espírito abstraído,
Um sentimento que não tem sentido,
Uma parte de mim que se evapora.

Amor que me alimenta e me devora,
E este pressentimento indefinido
Que me causa a impressão de andar perdido
Em busca de outrem pela vida afora.

Assim percorro uma existência incerta,
Como quem sonha, noutra mundo acorda
E em sua treva um ser de luz desperta.

E sinto, como o céu visto do inferno,
Na vida que contendo mas transborda,
Qualquer coisa de agora mas de eterno.

(Seleção de Napoleão Valadares)

2 “Pour reprendre la terminologie de W.Iser, nous allons attacher au pôle esthétique du roman, non à son pôle artistique: ‘on peut dire que l’œuvre littéraire a deux pôles: le pôle artistique et le pôle esthétique. Le pôle artistique se réfère au texte produit par l’auteur tandis que le pôle esthétique se rapporte à la concrétisation réalisée par le lecteur’. En termes linguistiques, nous étudierons la force perlocutoire du texte (as capable à agir sur le lecteur) plutôt que son aspect illocutoire (l’a intention manifestée par le auteur).” A citação de Iser vem do seu livro *O ato de leitura, teoria do efeito estético*. Vicent Jouve o cita em seu livro *L'effet-personnage dans le roman*. Paris: Prese Universitaire de France, 1992. p. 14.



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho, Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes, Kori Bolívia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 121 – novembro / dezembro 2023

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena,
Anderson Olivieri e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

Entre outros autores que usaram o personagem para estudar algum fenômeno sociológico-literário está o de Ian Watt com seu *Mitos do individualismo moderno*, onde estuda alguns protagonistas de clássicos para marcar a ascensão do romance (outro título seu), a afirmação da modernidade e, ao mesmo tempo, entender a projeção de concepções do personagem que permaneceram no imaginário dos leitores e passaram de personagens a mitos sociais. Eles são Fausto, Dom Quixote, Dom Juan e Robinson Crusoe. Watt e Campbell muito se aproximam, embora o primeiro trabalhe com uma visão antropológica e o segundo com um modelo junguiano. Acreditava eu que os mitos já correspondiam não apenas à necessidade de dar respostas não científicas aos fenômenos naturais e, como Malinowski, os mitos mantinham a união grupal e ratificavam e sacralizavam as instituições sociais. Campbell, ainda que o próprio Ian Watt o veja como redutor, analisa o mito como modelos que se repetem desde as mais pristinas expressões. Desta maneira, os mitos revelam um inconsciente coletivo, o que não aproveitamos de todo, mas nos alertou para uma possível gramática de formação do personagem. Por isso, distinguimos a mitologia de forma geral e as mitologias individuais dos autores literários para formação de seus personagens. “A primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique”, afirma Campbell. Não usamos de forma assertiva as conclusões de Campbell, mas sua presença permanece aqui e ali.

Os arquétipos a serem descobertos e assimilados são precisamente aqueles que inspiraram, nos anais da cultura humana, as imagens básicas dos rituais, da mitologia e das visões. Esses “seres eternos do sonho” não devem ser confundidos com as figuras simbólicas, modificadas individualmente, que surgem num pesadelo ou na insanidade mental do indivíduo ainda atormentado. O sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique.⁵

Reconhecemos que só esta afirmação – que é a única de Campbell, já que o restante do livro é para provar com exemplos sua tese – é simplista e, por essa razão, utilizamos também, entre outros, citados e não citados, pressupostos de Cassirer em relação ao mito. A concepção do mito como linguagem, e que “a consciência teórica, prática e estética, o

mundo da linguagem e do conhecimento, da arte [...] todas elas se encontram originalmente ligadas à consciência mítico-religiosa”⁶, insinuou-se em nossa análise para sugerir que haveria uma gramática do personagem. A ficção, é óbvio, não é uma criação coletiva, mas a formação gestáltica do personagem como elemento constitutivo de uma protonarrativa que, junto a uma criação idiossincrática e de “mitologia pessoal”, forneceria um modelo que o leitor já teria incorporado a sua dinâmica mental.

Aponta Cassirer:

O caráter comum dos resultados, das configurações que produzem, indica, aqui também, que deve haver uma comunhão última na função do próprio configurar. Para reconhecer esta função como tal e expô-la em sua pureza abstrata, cumpre percorrer os caminhos do mito e da linguagem, não para a frente, mas sim para trás – cumpre retroceder até o ponto de onde irradiam ambas as linhas divergentes. E este ponto comum parece ser realmente demonstrável, já que por mais que se diferenciem entre si os conteúdos do mito e da linguagem, atua neles uma mesma forma de concepção mental. Trata-se daquela forma que, para abreviar, podemos denominar o pensamento metafórico. Portanto, parece que devemos partir da natureza e do significado da metáfora, se quisermos compreender, por um lado, a unidade dos mundos míticos e lin-

guísticos e, por outro, sua diferença⁷.

Não se procura aqui uma análise do personagem preso a uma linha crítica específica, mas entender o fenômeno utilizando todo o material a que tivemos acesso para formular sua gênese, sua conformação e sua atuação. Diferentemente do personagem das artes dramáticas que se corporificam, o personagem da literatura não dispõe de mecanismos visuais e sua corporificação advém de um mecanismo complexo e requer do leitor uma outra experiência ontológica e epistemológica. Ao mesmo tempo que não pode funcionar sozinho e ter de atuar num espaço/tempo e mover-se para promover uma cinesse que permita que a trama se concretize, o personagem não é apenas mais um elemento da narração, mas o catalizador de uma série de experiências emotivas e sensoriais que leva autor e leitor a um mundo de provocações existenciais.

Este livro é mais especulativo que afirmativo. Não desejamos que nossa análise seja vista como um estudo fechado, mas que tenha a simpatia do leitor para uma aventura inquietante e interativa. O que em alguns momentos pode soar como pretensioso ou indiscutível é apenas um descuido da escrita. Nosso propósito é o compartilhamento de inquietações sobre este fenômeno que nos fascina e que foi preciso escrever sobre ele a fim de sossegar algumas perguntas que ao longo de anos nos perseguiram.

6 CASSIRER, Ernest. *Mito e linguagem*. 3ª ed. Tradução J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 64.

7 CASSIRER, Ernest. *Mito e linguagem*. 3ª ed. Tradução J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 102.

TAJ MAHAL

Danilo Gomes

“A vida não é medida pelo número de vezes que respiramos, mas pelos lugares e momentos capazes de tirar nosso fôlego.” (Snônimo) Essa é a epígrafe do livro *1.000 lugares para conhecer antes de morrer*, de Patricia Schultz.

Confesso de público minha grande admiração pelo Taj Mahal, que considero uma das mais belas construções do mundo. A Unesco fez-lhe justiça, declarando-o Monumento Cultural da Humanidade. É um esplendor de beleza, o principal cartão postal da Índia. O cartão-postal da Índia por excelência.

Mas vamos por partes, saboreando de vagar essa perfeita maravilha, esse alumbramento que encanta os estetas do mundo inteiro. O palácio-mausoléu recebe – em tempos normais – cerca de sete milhões de visitantes

por ano, dos quais três milhões são estrangeiros.

De Nova Délhi, capital da Índia, a Agra, a viagem de avião (que nunca fiz nem mais farei) dura 40 minutos. Agra é a antiga capital do Império Moghul. Baber, o Grande, descendente do terrível Gêngis Khan, invadiu a Índia em 1526, ali estabelecendo a dinastia moghul, de sangue mongol, portanto. A Mongólia aumentava seus domínios além das estepes. Os invasores professavam a religião islâmica (ou muçulmana) e sua língua e cultura eram persas. Consta que o Moghul foi um império de glória e de elegância, apesar das truculências guerreiras.

É em Agra que fica o sedutor monumento que pranteia a morte e ao mesmo tempo celebra a vida feliz que passou.

Continua na pag. 4

A., ROSENFELD, A., PRADO, Decio de A., GOMES, Paulo E. S., in *A personagem da ficção*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 61.

5 CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1989. p.27

O xá (imperador) Jahan foi o 4º monarca daquela dinastia de origem mongol e de cultura persa. Nasceu em 1592 e morreu em 1666. De suas quatro mulheres, a favorita era Arjumand Begum, que se tornaria imortal com o nome de Muntaz Mahal, que significa “orgulho do palácio”, pois era bela, inteligente, boa conselheira do marido e querida do povo por sua caridade. Morreu por complicações no parto do 14º filho, em 1631. Tinha apenas 39 anos de idade.

Desolado, inconsolável, o imperador apaixonado entregou-se às lágrimas e à solidão. Deixou de usar as vestes reais e nunca mais abandonou o luto. Ordenou que se construísse um túmulo para sua bem-amada, com a seguinte instrução: “Que não seja fúnebre, pois deverá celebrar a curta vida de um amor. A sua beleza e graça haverão de recordar eternamente a mulher, sem envelhecer. Será um sonho de mármore edificado na fronteira delicada entre o real e o irreal, como a própria paixão.”

Ele queria um monumento suntuário, de rara, original beleza.

E assim aconteceu. Os arquitetos foram os persas Ustad Isa e seu discípulo Ustad Ahmal. As formas do minarete são claramente muçulmanas, árabes; as cúpulas obedecem a um desenho asiático trazido pelos moghul; os motivos decorativos são flores geométricas e flores persas. Segundo os historiadores e exegetas, o que há de mais hindu no deslumbrante monumento são o mármore branco e a estranha forma de pequenas torres que foram colocadas em torno da cúpula principal.

Durante 17 anos milhares de operários trabalharam sob a orientação dos melhores artesãos da Índia, Pérsia e Afeganistão. Tanta perfeição estética custaria, hoje — discorrem os entendidos — cerca de 100 milhões de dólares.

O mármore veio do Rajastão, hoje um estado indiano que faz fronteira com o Paquistão. Os 43 tipos diferentes de pedras foram levados do Tibete, China, Pérsia e Rússia.

Com detalhes de marfim e contendo pedras preciosas incrustadas nas paredes, esse palácio constitui um imenso túmulo de mármore branco de perfeitas proporções, para abrigar o corpo de uma mulher muito amada. Os poetas o denominam “um sonho em mármore”.

O monumento ficou pronto em 1648 e é composto por três cúpulas, quatro torres laterais e um belo espelho d’água frontal. É o túmulo mais bonito e suntuoso do mundo. Uma abóbada cobre o centro da construção. Trechos do Alcorão — o livro sagrado dos muçulmanos — ornamentam a parte externa.

O palácio tumular está no meio de um jardim, onde a água dos lagos artificiais — o espelho d’água — reflete o esplendor de uma obra-prima.

Jahan ainda planejou erguer uma construção semelhante para abrigar seu próprio corpo após a morte. Um dos filhos do imperador apossou-se do trono, pela força das armas, depondo-o. E quando o velho monarca morreu, sepultaram-no ao lado de sua amada Muntaz Mahal ou Arjumand Begum. A morte os separou, a morte os uniu novamente, num movimento pendular entre Eros e Tântatos.

Uma construção, como essa, de tamanha e tão delicada magnificência, de tirar o fôlego da testemunha ocular; uma graciosa câmara mortuária em feição de palácio, como essa, não poderia deixar de constar, como verbete, do livro best-seller mundial *1.000 lugares para conhecer antes de morrer*, que tenho à cabeceira da cama, como um *vade-mecum*.

Sua autora é a americana Patricia Schultz e a tradução aqui no Brasil é de Cláudio Figueiredo e Pedro Jorgensen Filho, para a Editora Sextante, Rio, 2006. A edição brasileira ocupa 729 páginas em letras miúdas.

Sim, é claro, lá está o Taj Mahal, nas págs. 601 e 602, onde a autora declara que o monumento é “a encarnação da elegância e do romance, do equilíbrio e da simetria, um ícone arquitetônico há três séculos e meio venerado como o mais belo edifício do mundo.”

E aduz: “O xá Jahan, grande soberano muçulmano da dinastia mogul, mandou construir o Taj Mahal inteiramente com mármore branco, como monumento funerário em honra à sua adorada rainha Muntaz Mahal, que morreu ao dar à luz o décimo quarto filho do casal em 19 anos. Um desses herdeiros acabou depondo Jahan, que foi aprisionado no Forte Agra, situado nas proximidades. De seus aposentos ele podia admirar o Taj Mahal e chorar a perda de sua mulher e de seu império.”

Em seguida, a autora fornece informações turísticas sobre o local, onde se estabeleceu o sofisticado Hotel Amarvilãs, termo sânscrito que significa “céu eterno.” Patricia Schultz informa ainda que o local, em Agra, fica a 198 km de Nova Délhi, a 3 ou 4 horas de carro ou ônibus e a 2 horas no luxuoso trem Taj Express.

E aqui, benévolos leitores, termina a história dessa paixão imortal. Parece um conto das *Mil e Uma Noites*, narrado ao sultão pela linda Sherazade, sob o céu de Bagdá. Só não termina a glória de Jahan e Muntaz. Eles permanecerão juntos até o final dos tempos e o Taj Mahal continuará sendo o esplendor dos esplendores construído pela mão do homem. Louvado seja o Altíssimo, que preserve pelos séculos dos séculos esse poema de amor em mármore e ouro.

ALDEBARÃ

Mardson Soares

Quando o amor vier
amar o mundo,
avisa-me por correspondência,
pois costume deixar
minhas portas e janelas
encostadas.

Quando a esperança vier
avivar o mundo,
avisa-me pelo vento,
pois não há noutros

cantos ou lugares
mensageiro tão quanto
operário.

O alcance do vento é
opalino e humanamente
inimaginável.

Os adeptos a mensageiros
são geralmente gazeios — não o vento!

O vento não!

Mas,
quando a antiga canção
vier a ser ouvida pelo
mundo,
não precisarás, tu, avisar-me,
pois d’onde estiver
consegurei senti-la.

O PRIMO BASÍLIO, DE EÇA DE QUEIROZ

Arnaldo Godoy

O *Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, é obra-prima da literatura realista portuguesa, equivalente a *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, na literatura francesa. Alguns de nós nos encantamos com a personagem principal, Luísa, cujo “cabelo louro um pouco desmanchado, com um toco seco do calor de travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e láctea (...)”. Outros a abominam, e a reação original negativa brasileira ao romance (especialmente com Machado de Assis, que criticou o romance) é indicativa dessa falta de compreensão. Luísa é um pomo da discórdia literário, exatamente como Emma Bovary, Capitu, Gabriela e Desdêmona.

O objetivo de Eça — penso — era enfrentar a estética romântica, atacando seus excessos. Luísa era leitora compulsiva de *A Dama das Camélias* (Alexandre Dumas Filho), dos livros de Walter Scott (*Ivanhoe*) e de outros do gênero. Entorpecida pelas heroínas românticas, se imaginou uma delas, tudo potencializado pelo vazio existencial, pela confiança extrema do marido (Jorge) e pela canalicidade desses aproveitadores de plantão.

Vamos ao enredo. Retornando do Brasil (e pode haver aí alguma brasilofobia) depois da quebra do pai, Basílio procurou a prima, casada com um engenheiro de minas, Jorge. Luísa, cortejada, apaixonou-se, entregando-se ao primo, que, no entanto, apenas planejava incluí-la em sua coleção de conquistas. Chegou a locar um local imundo, por economia (Basílio era um sovina), que metaforicamente chamava de Paraíso, onde se encontravam. Juliana, a empregada amarga (e aí um inegável exemplo de luta de classes), achou no lixo um rascunho de carta de Luísa para Basílio. A partir de então passou a chantagear a patroa, tratando-a a partir de então como empregada.

Consumada a conquista, Basílio seguiu para Paris, pouco se importando com Luísa. Jorge, o marido traído, retornou para o lar, depois de uma viagem de trabalho. Luísa, em desespero, revelou a estória para um amigo do marido, que tomou de Juliana todas as cartas

e provas que havia. Juliana morreu. Luísa passou a viver um delírio contínuo, não aceitando o que fizera, arrependida, com o casamento moralmente desfeito. Jorge interceptou uma carta de Basílio para Luísa, guardando-a, por duas semanas, e ao final revelando à mulher que de tudo sabia. A saúde de Luísa foi mais uma vez fortemente abalada. Ainda que perdoada por Jorge, talvez nesse momento uma alma nobre e santa e desarmada, que poucas há no mundo, Luísa sucumbiu a uma pneumonia. Eça argumentou que leitoras frívolas de livros românticos podiam se ressentir de malícia e de capacidade analítica.

Há nesse livro também uma figura aparentemente menor, o Conselheiro Acácio. Um tipo que primava pelas obviedades; por tudo que envolve esse esboço humano tão realista, o Conselheiro transformou-se em um personagem maior; foi elevado pelo tempo. É mais citado e lembrado do que o próprio Basílio, patife e aproveitador, do que o bem-comportado Jorge, do que a ingênua Luísa; também é mais lembrado do que Juliana, a empregada amargurada que chantageou a patroa, Luísa, de cuja traição sabia.

É de seu nome próprio (Acácio) que se construiu um adjetivo, «acaciano», identificador de tautologias e redundâncias. O Conselheiro Acácio é, na essência, o próprio cerne do bacharelismo oco. Eça descreve o Conselheiro como alto e magro. Veste-o recorrentemente de preto. Adorna-o com um colarinho entalado no pescoço. Marca-o com um rosto aguçado. De algum modo pendura no Conselheiro cabelos tingidos, que transitavam de uma orelha à outra, colando-os por trás da nuca. A calva então brilhava, em contraste com o cabelo escuro. O bigode, no entanto, não era tingido; assim, grisalho e farto o bigode caía-lhe pelos cantos da boca. Segundo Eça, o Conselheiro era muito pálido, vivia com as lunetas no queixo; o escritor português conta-nos que o Conselheiro possuía grandes orelhas, «muito despegadas do crânio». Uma caricatura.

Formalista, gongórico, pedante, ainda que delicado e educado, o Conselheiro fora Diretor-Geral do Ministério do Reino. Era um

burocrata convicto, daqueles que adoram carimbos, despachos, fichas e relatórios que não servem para nada. Toda vez que o nome do Rei era pronunciado o Conselheiro erguia-se um pouco da cadeira. Dono de gestos medidos, calculava inclusive o modo como inalava o inseparável rapé. Era histriônico.

O vocabulário do Conselheiro era excêntrico; não usava palavras triviais. Por isso, lê-se no *Primo Basílio*, que o Conselheiro em vez de dizer “vomitar”, utilizava o verbo “restituir”, acompanhado de um gesto indicativo. Para o Conselheiro, Almeida Garret era “o nosso Garret”, Alexandre Herculano era “o nosso Herculano”.

O Conselheiro citava o tempo todo. Vivia, ao que consta, “amancebado com uma criada”. Resistia às investidas de Dona Felicidade, por ele apaixonada, porém mantinha um romance clandestino com a criada que de suas coisas cuidava. Preocupado com a Economia Política, o Conselheiro, sempre segundo Eça, teria escrito uma obra intitulada “Elementos Genéricos da Ciência da Riqueza e sua Distribuição Segundo os Melhores Autores”; esse imaginário e maravilhoso livro era acompanhado de um subtítulo: “Leituras do Serão”.

O Conselheiro teria também publicado outra obra de tomo, e de muito interesse, denominada de “Relação de Todos os Ministros de Estado desde o Grande Marquês de Pombal até Nossos Dias, com Datas Cuidadosamente Averiguadas de seus Nascimento e Óbitos”. Esse livro deveria ser interessante, rico em pormenor, e em informações de utilidade nenhuma.

O Conselheiro parece ser um homem triste, como às vezes triste deve ter sido também Eça, como triste foi às vezes Portugal no século XIX, e como tristes somos na inutilidade dos conhecimentos que pensamos que possuímos. De igual modo, Luísa também merece alguma defesa. Luísa é consequência, e não causa, de um mundo de valores invertidos, de pensamentos perversos e de frustrações constantes.

MISSA DO GALO

Arlete Sylvia

Belém do Pará. Era um casarão: sala, alcova, sala de jantar, um corredor com cinco quartos ao lado, depois a dispensa para guardar os alimentos e a cozinha.

Havia ainda um lindo pomar onde se podia encontrar variadas e saborosas frutas como: sapoti, graviola, jambo, tangerina, manga, vários tipos de banana além de outras frutas.

Na casa moravam 17 pessoas, ou seja, o pai, a mãe e 15 filhos. Eram tempos felizes, nos quais mesmo morando no centro da cidade, se podia deixar portas e janelas abertas durante o dia ou à noite sem nenhuma preocupação.

Próximo havia um posto policial, porém a finalidade principal era receber os índios quando estes precisavam vir à cidade para tratar da saúde. (Há uma lenda que diz que os índios escutam de longas distâncias colocando o ouvido no chão.) Verdade ou não, o certo é que uma das filhas, a título de brincadeira, falou para nossa mãe: “AMANHÃ OS ÍNDIOS VIRÃO TOMAR CAFÉ COM A GENTE.” Foi repreendida pela brincadeira, mas ACONTECEU.

Como já falei, a família era grande e por isso a porta da casa ficava sempre encos-

tada para facilitar a entrada e saída de todos. Isso permitiu que os índios entrassem. Eram 7h, estávamos todos sentados à mesa fazendo nossa oração matinal, como era hábito antes de cada refeição pois nossa família sempre foi por tradição muito católica, quando mais ou menos uns 20 índios adentraram a casa, todos em fila e falando ao mesmo tempo sem que a família entendesse nada. Foram se servindo de tudo o que havia sobre a mesa, enquanto todos em pânico somente olhávamos.

Um dos filhos menores correu até o posto policial para pedir ajuda, todos nós chorávamos e minha mãe rezava para que aquela situação se resolvesse pacificamente. Felizmente chegaram os policiais que já tinham prática de lidar com eles e conseguiram convencê-los a ir embora.

“QUE ALÍVIO!”

Aí foi só alegria, rimos muito e resolvemos fechar a porta.

Nós sempre fomos uma família de católicos praticantes, ir à missa aos domingos e dias santos, confessar e comungar, orar antes das refeições, era uma tradição de família.

Mas quando chegava o Natal, “QUE BELEZA!” Nossa casa ficava toda enfeitada para receber o Aniversariante Menino Jesus.

Um lindo presépio com santos barrocos, a grande árvore de Natal toda iluminada e com presentes para toda a família. Lembro sempre das palavras de minha mãe, acho que ela falava em tom de brincadeira mas levávamos a sério:

“QUEM NÃO VESTE ROUPA NOVA NO NATAL O GALO BELISCA.” (Risos)

E a maravilhosa toalha branca bordada onde seria servida a Ceia. Mas só depois da Missa do Galo, sim, porque todos tínhamos que ir assistir à missa de roupa nova para depois ceiar.

A Missa do Galo começou a ser celebrada em meados do ano 300 da era cristã. Desde então ela é rezada na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, na Itália, pela própria Santidade, o Papa, no Vaticano, na véspera de Natal, à meia-noite do dia 24 para 25 de dezembro. Ocorre neste horário porque a tradição católica diz que Jesus nasceu à meia-noite, bem como a lenda nos conta que a única vez que um galo cantou à meia-noite foi quando Jesus nasceu.

Atualmente, com o avanço da tecnologia, algumas emissoras de televisão já fazem a transmissão diretamente da Itália.

CARTA PARA SUZANA

Carlos Roberto de Faria

Estou no aeroporto, a bordo de uma cerveja, prestes a embarcar. O destino é Navegantes e, embora eu salte antes, o que eu quero mesmo é voltar. Nem posso dizer voltar aos seus braços, pois ainda lá não estive a não ser num tímido abraço.

Eu só queria voltar, com a sensação da proximidade ou, o que é melhor, para a proximidade da sensação. Sim porque os meus sentidos ficaram, acho que para sempre, presos ao seu redor.

Inconscientemente embarcado posso dizer que longe de você estou, literalmente, no ar. A quilômetros de altura, com o pensamento no chão e os olhos no mar. As nuvens exibem a brancura da sua pele, plagiando a sua beleza. Parece até um complô da nature-

za para eu não me esquecer de que eu deveria ter ficado e que mesmo tão perto do céu estou cometendo um pecado: não me deixei cair na tentação de ficar com você. Bem, é um pecado às avessas, mas isso não interessa, é um pecado mortal.

Ficamos pouco aqui em cima. Nem chega a uma hora. Mas você nem imagina quanto o tempo demora. Os minutos arrastam-se preguiçosamente numa indolência pós prandial. O avião balança suavemente como se prolongasse ao máximo o torpor matinal, em nítida cumplicidade com a minha esperança de dormir e sonhar com você.

“Atenção para os avisos de não fumar e apertar os cintos”...Tá bem, mas o que fazer com o aperto que eu sinto? — “Dentro de

mais alguns minutos estaremos pousando”... Comissária, eu quero saber é quando estaremos voltando.

A viagem está no fim. A saudade só começa. Como você já sabe, o tempo aqui não tem pressa. Os dias são compriiidos... As horas duram semanas. As noites são um castigo. A gente rola na cama, vira, se aquieta e nada. Posso estar enganado, mas acho que eu só dormiria se tivesse você comigo.

O consolo é que em breve voarei de novo em direção a você. E pode ir se preparando, porque dessa vez, não sei não.

Quando estiver no seu colo, cobrando todos os beijos que deixei escapular, não há ter santo na terra, não há de haver força no mundo que me obrigue a partir.

SAUDAÇÃO A GILMAR DUARTE ROCHA NO IHGDF, EM 13.9.2023

Fabio de Sousa Coutinho

Em três ocasiões, todas na atual administração do IHGDF, saudei novos acadêmicos desta casa, todos de alto valor intelectual e moral: um maranhense, Marcus Vinicius Furtado Coêlho, uma goiana, Sônia Helena Cordeiro, e um carioca, Roberto Ferreira Rosas. Nesta noite, para além das virtudes que ornaram as personalidades dos sócios mencionados, registro em Gilmar Duarte Rocha uma condição intrínseca que me é muito cara ao coração e à mente: a baianidade.

O confrade que hoje se empossa, nascido em Jitaúna em 7 de dezembro de 1958, é baiano da região cacauzeira de seu glorioso estado, o que o torna, por tais origens, um grapiúna, um eterno menino grapiúna, para usar a expressão empregada por Jorge Amado e por ele popularizada em obra célebre. Na literatura brasileira, citando pouco para citar bem, são igualmente grapiúnas os romancistas Adonias Filho, Hélio Pólvora e Cyro de Mattos, todos consagrados por ficções em que o sul da Bahia é, a rigor, um personagem geográfico, com tão vibrantes características regionais e povoado por tantas qualidades humanas.

Na prosa ficcional do grapiúna Gilmar Duarte Rocha, porém, o espaço topográfico é outro, deslocando-se, em caudalosos romances, de Nova York ao Rio de Janeiro, onde, por sinal, transcorre a impagável trama de *O mistério da afogada da Lagoa Rodrigo de Freitas*, passando pelas serras da Chapada Diamanti-

na, cenário de *O abençoado*, narrativa de cores assustadoras.

Ingressa, pois, nesta noite festiva, no IHGDF, um escritor maduro, membro efetivo da Academia Brasileira de Letras, com amplo domínio de seu ofício, exercido, também, no campo da ensaística, em que se exigem a densidade cultural e a erudição de um gênero de poucos mestres para muitos leitores. Como solenizou o genial Castro Alves:

“O livro caindo na alma
É germe que faz a palma.
É chuva que faz o mar.”

Gilmar adentra estes umbrais portando a ciência e a consciência de que, nas grandes instituições, não há lugar para as agendas próprias, para os individualismos de qualquer espécie, para o umbiguismo definido pelo poeta Affonso Romano de Sant’Anna em livro nascido com a vocação dos clássicos.

Vinte anos após sua mudança para Brasília, em 2003, Gilmar Duarte Rocha já pode orgulhar-se de uma trajetória de dedicação exemplar à venerável entidade a que se vincula por laços funcionais, o Banco do Brasil S.A., e, no plano do trabalho voluntário, à valorosa Associação Nacional de Escritores, a ANE, cujos quadros dirigentes tem integrado com destaque, em diferentes mandatos, no último decênio.

Não é apenas uma boa coincidência afirmar-se que Gilmar Duarte Rocha aporta

nesta casa de notória indagação científica na mesma época em que os brasileiros comemoramos os 200 anos dos eventos que culminaram no inesquecível 2 de julho de 1823, data que assinala o marco definitivo de nossa independência como nação, dez meses após o jubiloso 7 de setembro de 1822.

Baiano e brasileiro, brasileiro e baiano, Gilmar chega ao IHGDF em tempos de celebração de conquistas históricas de relevância transcendental, com reflexos presentes e futuros sobre toda a nacionalidade, traduzindo avanços inegociáveis do heroico povo brasileiro.

A partir deste 13 de setembro de 2023, o IHGDF passa a contar em seus quadros com a presença de um acadêmico à altura de caríssimas tradições e das mais justas expectativas relativamente ao que de melhor se pode vislumbrar na realidade que estamos construindo.

Nas palavras de Quincas Borba, personagem incomparável de nosso maior homem de letras,

“Ao vencido, ódio ou compaixão;
ao vencedor, as batatas.”

A batata que o Presidente Paulo Castello Branco vai lhe entregar daqui a pouco, Gilmar, simboliza uma importante vitória, mas que, estou seguro, você saberá receber como mais um farol que, doravante, iluminará sua aventura vital.

Muito obrigado.

UM PRÉ-DESERTO, A DOIS

sôniahelenah

O deserto pela frente, uma estranha por companhia, um destino definido, uma distância ignorada, um caminho desconhecido, uma licença para fotografias e filmagens a ser conseguida, uma aventura a ser vivida.

São esses os ingredientes de que o autor dispõe para lembrar uma viagem de vinte anos atrás, que deixou marcas profundas, doces lembranças e um amor não vivido.

Miguel Andresen de Sousa Tavares, português do Porto, nascido a 25 de junho de 1950, é escritor e jornalista. Cresceu em Lisboa, onde se bacharelou em Direito e exerceu

a advocacia durante anos, até optar pelo jornalismo, no fim da década de 1980.

Filho do advogado e político Francisco Sousa Tavares e de Sophia de Mello Breyner Andresen, uma das mais importantes poetisas portuguesas e a primeira mulher a receber o Prêmio Camões, em 1999, herdou da mãe o gosto pelas letras.

Seu primeiro livro foi *Não te deixarei morrer, David Crockett*, com contos e textos dispersos. Revelou-se como cronista e romancista e tem publicados romances, livros de contos, compilações de crônicas, quase sempre sobre política ou viagens, e uma história infantil. Os romances *Equador* (2004) e

Rio das Pedras (2007) fizeram sucesso mundial, com traduções em diversas línguas.

É detentor de diversos prêmios, entre os quais o Prêmio Grinzane Cavour (Itália, 2007), o Prêmio de Jornalismo e Comunicação Vitor Cunha Rego (Portugal, 2007) e o Prêmio Branquinho da Fonseca (Portugal, 2008).

Em entrevista ao jornal *O Globo*, em 26 de junho de 2004, afirmou Miguel Sousa Tavares:

O livro é quase um serviço público: tem que dar aos outros qualquer coisa em termos de informação, de distração, de romancear.

Continua na pág. 8

Fazer o leitor ficar pensando nos personagens, no romance, na história. Tem que deixá-lo imaginar. E não basta escrever bem, tão bem que o leitor a certa altura pare de ler porque não está a seguir uma história, mas um texto literário. Escrever é um serviço prestado aos outros. É como ser médico, arquiteto, bombeiro. É um serviço público, você escreve para os outros. Não escreve para si, nem para seu grupo de amigos, nem para os críticos.

Se em *Equador, Rio das Flores, Madrugada Suja*, Miguel seguiu rigorosamente seu depoimento ao jornal brasileiro, em *No teu deserto*, mesmo mantendo-se fiel a essa crença, ele se permitiu criar um dos seus melhores textos literários. O livro é um magnífico exemplar de prosa poética. Para isso, o autor nem precisou chegar ao deserto, presente no título.

Vasculhando suas saudades, um jornalista português, freelancer, recompõe os quatro dias de viagem que precederam a sua entrada no deserto, percorridos desde Lisboa, cruzando o Alentejo e a Andaluzia, para entrar na Argélia por Oran, chegar a Argel onde deveria obter uma licença das autoridades para filmar e fotografar o deserto a fim de criar uma história a ser vendida a emissoras de rádio e televisão portuguesas e, daí, encontrar-se com os companheiros de aventura no cruzamento do Saara.

O livro é escrito vinte anos após essa viagem, para Cláudia, sua companheira de aventura, bem depois de ela ter falecido, quando ele encontra em uma gaveta algumas fotografias da travessia feita anos atrás. As lembranças lhe vêm e ele se vê obrigado a narrar a história, como uma homenagem, tributo, ou confissão tardia dos sentimentos que o tomaram durante os quatro dias anteriores à entrada no deserto e, em alguns flashes, na sua travessia.

Passaram já muitos anos. No outro dia, como já disse, estava a ver umas fotografias antigas, quando esbarrei com as da nossa viagem. Detive-me numa em que ela está sentada em cima do jipe e eu estou recostado para trás, ao lado dela. Há um grupo de companheiros de viagem à nossa volta, mas ambos parecemos alheados ao que se passa. E, embora ela esteja em segundo plano, é a sua imagem que salta logo à vista, o seu ar de absoluta paz e tranquilidade, como nunca depois voltou a ver-lhe, mas sempre também aquela sombra, que ora parecia de alegria ora de tristeza, que enevoava os seus olhos e que hoje tenho desespero de não ter decifrado a tempo (p.18).

O jornalista não tem nome. Cláudia, quinze anos mais nova, é uma desconhecida, amiga de amigos seus, que aparece já na organização da “mercearia” para a viagem, no UMM, jipe feio e resistente, com motor Peugeot e carroceria portuguesa, que os levará a uma aventura com diversos companheiros distribuídos em outros quinze jipes e quatro motocicletas. Partirão todos da Torre de Belém, lugar mítico das antigas viagens dos na-

vegadores portugueses de Quinhentos (p.21), para Algeciras, onde cruzarão o oceano até Ceuta e, de lá, avançarão para o deserto do Saara. Mas o jornalista e Cláudia não farão a travessia. Terão de seguir até Alicante para cruzar o Mediterrâneo, entrar na Argélia por Oran, viajar até Argel para obter a licença para as fotografias e filmagens. Depois disso, deverão seguir até Ghardaia, a encontrar os companheiros e iniciar a travessia do deserto.

Nesse caminho preparatório, os dois passam por numerosos percalços, são surpreendidos com os mais improváveis revezes, imaginam que não conseguirão chegar a tempo ao encontro marcado com os amigos. Mas nunca perdem a esperança e, surpreendentemente, conseguem ultrapassar os obstáculos, um a um, de maneiras as mais insólitas, e acabam chegando no justo prazo de cruzar o Saara com seus companheiros de aventura.

Mas o que encanta no livro não são as peripécias nem a criatividade ou o improviso para superar todos os obstáculos. Fascinante é o lirismo em sua pureza, a sensibilidade das observações sobre as mais mezinhas circunstâncias, a fidelidade à lembrança do percurso vivido a dois, ainda que separados.

Ao comentar o riso de Cláudia, o jornalista afirma que era infantil cristalino, nada ainda o tinha desgastado. Cabia lá dentro toda a ilusão do mundo (p.17). Logo depois, descreve-a magra, muito alta, frágil à vista, com uma cara de menina de Botticelli, cabelos loiros desgrenhados com graça, e uns olhos pensativos, embrulhados em tristeza súbita ou deslumbrados de alegria (p.19)

Volta, mais adiante, a repetir a descrição de Cláudia:

Também tenho uma fotografia tua, nesse piquenique, abrindo uma lata de conserva e sorrindo para a fotografia: mais uma vez, o que impressiona agora é ver como tu eras nova – nova e luminosa, o sol batia-te por trás dos cabelos louros e tu eras mesmo a miúda de Botticelli, uma Primavera transplantada da luz suave da Toscana para aquela luz dura da Argélia. Tudo, tudo, parecia ao teu alcance. Uma vida toda à tua espera, o mundo a teus pés, se o quisesses. Ou um deserto (p.52).

Todo escrito na primeira pessoa, o autor alterna narrador e ouvinte várias vezes; ora o jornalista fala diretamente a Cláudia, ora narra ao leitor, ora é Cláudia que fala ao jornalista, quase como em resposta a algo anteriormente dito por ele. Essa variação de narradores mantém-se ao longo do livro de forma equilibrada, provocando certa cumplicidade entre os dois personagens, como um prolongamento do que viveram nos dias que antecederam sua travessia do deserto.

Conta ele a Cláudia que anos mais tarde, no Alentejo,

Estava a recuperar o fôlego de uma longa caminhada e tinha-me sentado a olhar o rio que corria no fim do desfiladeiro. Creio que estaria como tu estavas naquele dia, o mesmo olhar perplexo perante a vastidão daquele

cenário: há alturas em que a beleza é tão devastadora que magoa. Devia haver qualquer coisa na forma como eu olhava aquela paisagem, todo aquele despojamento humano, que fez com que o alentejano que estava comigo, e que antes tinha sido pastor naqueles vales, comentasse: A terra pertence ao dono, mas a paisagem pertence a quem a sabe olhar (p.48).

Cláudia sabia olhar. Olhar e calar, observando tudo à sua volta, por vezes sorrindo, em outras, distante. Já ele escrevia, todas as noites, registrando o que haviam visto e vivido durante o dia. Com ele, Cláudia aprendeu o valor do silêncio que, segundo ele, é *...a coisa mais difícil e mais bonita de partilhar entre duas pessoas...* (p.95). Ela iria lembrar-se disso ao se indagar a razão pela qual dois tuaregues permaneceram bom tempo sentados, de mãos dadas, em silêncio, após alguns minutos de conversa. Fiquei a pensar na tua resposta: *“Ficam calados porque já não têm nada de importante para dizer”* (p.98). Ao comentar com o jornalista que ele não poupava palavras, porque gastava uma hora a escrever todas as noites, ouviu que... *Escrever não é falar... É exatamente o oposto. Escrever é usar as palavras que se guardaram: se tu falares de mais, já não escreves, porque não te resta nada para dizer* (p.98).

Ao terminar a travessia do Saara, os dois separaram-se. Cada um retomou a sua vida, ele com os filhos, as filmagens e viagens, ela, com a faculdade, os amigos e as festas. Trocaram alguns telefonemas, viram-se pouquíssimas vezes, escreveram cartas nunca enviadas um ao outro. Visitou-a uma vez quando, hospitalizada, já se aproximava da partida final. Que ele não percebeu. Após despedir-se dele e o ver sair, Cláudia refletiu:

Eu sei que algures, mais adiante na minha vida, hei-de encontrar quem esteja em casa à minha espera quando eu chegar. Sim, eu sei, está escrito, é sempre assim. Mas era agora que eu queria não sentir esse vazio, não te sentir tão distante, tão longe do deserto. Queria só dar um sentido à nossa viagem. Já sei, já sei que nada dura para sempre – só as montanhas e os rios, meu sábio. Mas o que fomos nós um para o outro: apenas companheiros ocasionais de viagem? Com o tempo contado, com tudo previamente estabelecido e com prazo de validade previsto à partida? Foi só isso, diz-me, foi só isso o nosso encontro? Não ficou mais nada lá atrás, não deixamos nada de nós dois no deserto que atravessamos? (p.109)

Anos depois, o jornalista soube do falecimento de Cláudia, bem depois de ocorrido. Ao receber a notícia,

Levantei-me da mesa onde estava sentado e fui até à janela. Era fim de tarde de Março, em Lisboa... Abri a janela porque precisava de ar, tinha medo de estar a sufocar. E queria gritar, queria gritar até onde me ouvissem, até ao lado de lá do Tejo, até Tamanrasset, até a estrela onde tu agora estavas – em paz, finalmente... Mas não gritei: enrolei o meu grito e falei-te baixinho, como se fosse noite na nossa tenda e pudessem ouvir-nos lá fora. (p.122).

MORTE E VIDA CABRALINA

Nirton Venancio

“O amor comeu minha paz e minha guerra. Meu dia e minha noite. Meu inverno e meu verão. Comeu meu silêncio, minha dor de cabeça, meu medo da morte.”

Trecho da fala final do personagem Joaquim, do poema *Os três mal-amados*, publicado no livro homônimo, 1943, de João Cabral de Melo Neto, o mais milimétrico dos nossos poetas.

Estruturado em forma de monólogos em prosa, narra a história de João, Raimundo e Joaquim, cada um dissertando as suas desventuras com o amor. Há uma unidade dos três personagens nesse tratado dilacerado.

João fala de Teresa, sentada ao seu lado, a poucos centímetros, mas apartada, porque não precisaria de quilômetros para medir a distância. Olha para ela “como se olhasse o retrato de uma antepassada que tivesse vivido em outro século”.

Raimundo diz que “Maria era sempre uma praia, lugar onde me sinto exato e nítido como uma pedra”. Ela é o mar dessa praia sem mistério e profundidade, por isso, elementar, “como as coisas que podem ser mudadas com vapor e poeira.”.

É na fala de Joaquim que o amor se estampa e cruelmente se traduz. Não há em sua prédica a agente causadora dos queixumes, clamores e reivindicações. A personificação do amor é o próprio amor e seus precipícios. Joaquim intercala seu discurso lancinante como uma prosopopeia dos lamentos de João e Raimundo. Define-se o perfil do amor com a força que ele tem, e o poder, na conceituação do poeta, é destruidor. O amor corrói tudo pela frente, do tempo do amante aos livros, frutas, cortadores de unha e canivete.

João Cabral de Melo Neto inspirou-se no poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em seu livro de estreia, *Alguma poesia*, 1930, para escrever a saga cruciante desses rapazes. Tanto que eles e as respectivas amadas têm os nomes dos que sofrem em círculo no poema do itabirano. Cabral abre o livro usando os versos como epígrafe: “João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim / que amava Lili...” Lili, mesmo omitida em João Cabral, é muito mais, é o amor pessoalizado, singularizado. Como Lili casou com J. Pinto Fernandes, que não tinha entrado na história, o poeta pernambucano deu a Joaquim a sina da carta constitucional do amor.

Cabral, 18 anos mais novo, admirava Drummond bem antes de conhecê-lo. Trocaram correspondências, ficaram grandes amigos. Para ele escreveu o poema A Carlos Drummond de Andrade, publicado em *O engenheiro*, seu terceiro livro, de 1945.

2020 foi o centenário de nascimento de João Cabral, 9 de janeiro.

E num mesmo dia 9, na sequência do mês 10, em 1999, o poeta partiu para a pedra do sono. Tinha 79 anos.

Mais do que uma sucessão de datas, uma aliteração numérica, é uma arquitetura de um poema a palo seco, com o mesmo rigor estético de sua poesia. Um poema avesso como um cão sem plumas, uma rima toante de versos feito lâminas, o dia e a noite de sua vida, o inverno e o verão de sua existência nos agrestes de Recife, o começo de tudo e o fim do nada.

Há 24 anos João Cabral livrou-se de uma vez por todas das aspirinas que tomava diariamente, desde a juventude, para uma dor de cabeça do medo morte.

ESTILHAÇOS

Marcos Freitas

nuvens de poeira no que sobrou de um prédio
habitado por mães e crianças
nuvens e chamas no que soçobrou de uma vida
cotidiana de casa, escola,
comida e brincadeiras
gritos, choros, dores sem cicatrizes, pontos e
anestesia
gritos, choros, dores
a lágrima estancada no rosto da menina palestina
diante do caos de destruição
e desesperanças
fósforo branco.

ARCO E FLECHA

Raquel Naveira

Desta vez, acertarei o alvo. Recebi de presente um arco dourado, feito de bronze, para estes tempos de guerra. É pesado, mas posso tensioná-lo, distender a corda e arremessar a flecha. Preciso abater o inimigo que se aproxima com olhos de fogo. Defender-me do perigo, desintegrá-lo. Dirijo a flecha para o alto, em direção ao céu. Em instantes ela vai zunir como um raio, uma linha vermelha, um traço de luz nas trevas de minhas próprias dúvidas e imperfeições.

Desta vez acertarei o alvo. As flechas estão enfileiradas numa aljava. São afiadas, com pontas de lâminas e penas vermelhas nas extremidades. Polidas, vieram de antigas tribos. Há um objetivo a ser alcançado. Coloco toda minha energia nesse ato. Puxo o arco para trás. A dificuldade é enorme. Tenho certeza de que triunfarei na caça, de que atingirei algo

grande. Preciso de mais força sobre os quadris e intuição rápida.

Um dia, fui flechada por um Anjo. Era filho do Amor e da Morte. Veio nos ares e disparou no meu peito. O meu arco transformou-se numa harpa. A corda ficou enterrada na palma de minha mão. Abriu-se uma ferida que sangrava sem parar. Eu não podia mais escrever poemas sem sentir dor. Sentei-me sob um ipê de flores brancas e fui arrancando as flechas do meu coração. Era tempo de preparação e espera.

Assim como o Anjo abriu a ferida, ele a fechou. Atraí-me a esse deserto, deu-me vinhas, esperança de que nações cairão aos meus pés. Entregou-me o arco de bronze e as flechas. É hora de atirar, eu sei. Falta ainda a decisão final de soltar a flecha. Desta vez, acertarei o alvo.

STEFAN ZWEIG OU O INSUSTENTÁVEL PESO DA EXISTÊNCIA

Gilmar Duarte Rocha

Nascido em berço esplêndido, na cidade de Viena, capital da Áustria, em 28.11.1881, o escritor Stefan Zweig foi uma daquelas pessoas predestinadas ao sucesso desde a mais tenra idade. Seu pai, Moritz Zweig, era um bem-sucedido industrial do então império austro-húngaro (do qual a Áustria fazia parte), e o seu avô um próspero banqueiro de origem judaica.

Stefan cresceu estudando nos melhores colégios do seu país e teria tudo para seguir o rastro do baronato, trilhando o caminho dos negócios e seguindo os passos de sua família. Contudo, na hora de ingressar na Universidade de Viena, ele escolheu o curso de Filosofia e doutorou-se nessa matéria elaborando uma tese sobre Hippolyte Taine, expoente do positivismo e membro da Academia Francesa de Letras.

Depois da formação acadêmica, Zweig, que já havia publicado um livro de poesia, *Cordas de prata*, 1902, enveredou-se de vez por sua amada e eterna paixão pelas letras. Leitor voraz, dedicou os seus primeiros anos de mister à tradução para o alemão de escritores do naipe de Keats, Morris, Yeats, Verlaine e Baudelaire. Logo fez amizade consistente com Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke, Romain Rolland e Thomas Mann, mantendo correspondência frequente com eles e trocando ideias acerca do panorama literário da época.

Com a cabeça fervilhante e muito seguro do que queria, resolveu experimentar a área da dramaturgia, onde obteve muito sucesso na Áustria, escrevendo e publicando as peças *A metamorfose da comédia* e *A mansão à beira-mar*. Em seguida vieram as biografias, ramo literário no qual obteve extraordinário êxito e foi pródigo em publicações. Produziu, ainda no primeiro quarto do século XX, as excelentes biografias de Dostoiévski, Tolstói, Charles Dickens, Balzac, Casanova, Nietzsche e Stendhal. Mais tarde, vieram a dissecação da vida de Rilke, Rolland, Maria Antonieta, Maria Stuart e Fernão de Magalhães.

Também produziu muitos ensaios, poesias e romances existenciais e psicológicos como *Amok* (1922), *Angústia* (1925) e *Confusão de sentimentos* (1927).

A sua vida seguia a pleno vapor e produzia um trabalho literário após o outro. Contudo, a partir do fim da Primeira Guerra

Mundial, o dândi (no melhor sentido) Stefan começou a sentir o peso da vida e as transformações que decorreriam após os seguidos conflitos de uma Europa insuflada e desgastada por inúmeras guerras. Para uma pessoa de sangue frio como uma barata, como o seu conterrâneo Adolf Hitler, que soube aproveitar todo o caos do mundo germânico do pós-guerra em benefício próprio e capitalizou muito sucesso fazendo proselitismo da distopia vigente na República de Weimar, Zweig, por seu turno, viu os seus sonhos se dissiparem e a sua visão romântica do mundo e da vida também começou a se dissipar. Primeiro pela perda de amigos — alguns por falecimento; outros por medo; outros por exílio, como Thomas Mann —; segundo, pela não adesão à grande causa germânica, que iria culminar no maior desastre da humanidade de todos os tempos, o que seria a Segunda Grande Guerra Mundial, que deixou no seu rastro um grau de devastação física e moral como nunca se tinha visto.

Com a sensibilidade à flor da pele e se sentindo como um estranho no ninho, convivendo num ambiente onde imperava o ódio e o desamor, Stefan Zweig, como muitos descendentes de judeus que tinham recursos e condições financeiras, emigrou para os Estados Unidos em 1940, estabelecendo-se na cidade de Nova York. Em agosto desse mesmo ano fez a sua primeira visita ao Brasil, país que lhe deixou boa impressão. Tanto que ele voltaria ao gigante tropical nos anos subsequentes e se estabeleceu definitivamente em terras tupiniquins ainda no início da década de 40, em companhia de sua segunda esposa Lotte, (Charlotte Elizabeth Altmann), mais precisamente na cidade serrana de Petrópolis, onde manteria residência definitiva.

O Brasil daquela época, bem como o estilo de vida do povo brasileiro, mexeu definitivamente com seu pensamento sobre a existência humana e seu conceito (às vezes utópico e de certa forma ingênua de aferir o peso do mundo) de viver no paraíso. Sua empolgação com o país de Castro Alves chegou a tal ponto, que, certa feita, ele escreveu uma carta aos seus cunhados Manfred e Hannah Altmann e em um dos parágrafos da missiva ele dizia:

“Você não pode imaginar o que significa ver este país que ainda não foi estragado por turistas e tão interessante – hoje estive nas cabanas dos pobres que vivem aqui com prati-

camente nada (as bananas e mandiocas estão crescendo em volta) e as crianças se desenvolvem como se estivessem no Paraíso –, a casa inteira, desde o chão, lhes custou seis dólares e, por isso, são proprietários para sempre. É uma boa lição ver como se pode viver simplesmente e, comparativamente, feliz – uma lição para todos nós que perdemos tudo e não somos felizes o bastante agora, ao pensar como viver então –”

Mas viver no paraíso não era suficiente para o espírito irrequieto e fraternal de Zweig, pois os resquícios da barbárie que queimava o Velho Mundo chegavam ao Brasil por meio de notícias, sem contar o namoro constante com o fascismo que o governo Getúlio Vargas empreendia naquela época, e tudo isso somado atingia em cheio a alma do grande intelectual, que sonhava sempre com um mundo parecido com o retratado pelo músico pop John Lennon, muitos anos depois, pela letra da sua inolvidável e eterna canção de nome *Imagine*.

Poucos dias antes de colocar fim à sua vida, em 22.2.1942, aqui mesmo nos trópicos, o peso da existência falou mais alto do que a alma leve do grande poeta da vida humana, que deixou o seguinte texto como testamento:

“Cada dia eu aprendi a amar mais este país e não gostaria de ter que reconstruir minha vida em outro lugar depois que o mundo da minha própria língua se afundou e se perdeu para mim, e minha pátria espiritual, a Europa, destruiu a si própria.

Mas para começar tudo de novo, um homem de 60 anos precisa de poderes especiais e meu próprio poder desgastou-se após anos vagando sem um assento. Por isso, prefiro terminar a minha vida no momento certo, como um homem cuja obra cultural foi sempre a mais pura de suas alegrias e também a sua liberdade pessoal – a mais preciosa fruição neste mundo.

Deixo saudações a todos os meus amigos: talvez vivam para ver o nascer do sol depois desta longa noite. Eu, mais impaciente, vou embora antes deles. — Stefan Zweig, 1942.”

Para quem quiser conhecer a fundo a vida e obra desse grande intelectual, recomendo a leitura da biografia *Morte no paraíso* (Editora Rocco), do jornalista e professor brasileiro Alberto Dines. Imperdível!

DOIS FRANCISCOS, O MESMO SANTO

Vera Lúcia de Oliveira

No ano da graça de 1210, quando em Roma reinava o papa Inocêncio III, um jovem chamado Francisco e doze companheiros para lá rumaram. Queriam permissão do Papa para continuarem a pregar as palavras de Cristo aos pobres – eles mesmos vivendo em extrema pobreza. Era algo inédito na rica Igreja da época.

A história do jovem Francisco começa pela mudança de nome: nascido Giovanni Bernadone, em 1181 (ou 1182), em Assis, na Úmbria, Itália, por amor ao país que amava, a França, adotou o nome de Francisco, evidenciando assim o desejo de uma nova identidade para seguir um novo caminho. O Giovanni rico, perdulário, que vivia uma vida de excessos, fora deixado para trás quando ouviu o chamado de Deus e dele fez a sua vida de pobreza material, porém alegre, junto à natureza, nos montes e vales, ouvindo o canto dos pássaros e ajudando os pobres e doentes, sobretudo os leprosos. Doou-se inteiramente aos necessitados.

Esse é um dos Franciscos, personagem de *Francisco de Assis* (RJ: Record, 2022), biografia romaneada, encantadora, de Hermann Hesse (1877-1962). Nesse livro de juventude, pleno de beleza e fé, o autor revela toda a sua admiração pelo santo tão venerado por ele, escrito a partir da primeira viagem do autor à Itália em 1901, numa espécie de peregrinação, seguindo os “rastros” de Francisco. Hesse viveu recluso junto à natureza, na Suíça, autoexilado do país natal, Alemanha, cuidando do seu jardim, como São Francisco. O pacifista Hesse, autor de vastíssima e maravilhosa obra que marcou o século 20 com poemas e romances como *Demian*, *Sidharta*, *O jogo das contas de vidro*, *O lobo da estepe* e tantos outros, premiado com o Nobel em 1946, foi sobretudo um crítico ferrenho do nazismo, do militarismo, e defensor da paz e da liberdade individual, para quem São Francisco é um exemplo de vida, de amor e caridade, na pureza das fontes primitivas da religião do Cristo.

Assim nos conta Hesse: na volta de Roma, Francisco e os companheiros peregrinos, autorizados a seguir sua pregação, instalaram-se em Rivo Torto (Riacho Torto). Diz o autor:

Quando chegaram perto de Assis, escolheram uma cabana vaga chamada Rivo Torto [hoje, Rivotorto] para ser sua morada. Ali, na encosta da montanha, havia uma região soli-

tária e selvagem onde Francisco muitas vezes costumava passar vários dias seguidos a rezar e meditar, pois, mesmo detestando profundamente o ócio e dedicando todas as suas forças a servir o próximo, seu ânimo sensível e delicado sofria muitos dias ao ver a miséria humana. Desse modo, costumava retirar-se na solidão para permitir que seu coração cansado descansasse e rejuvenescesse nas fontes da vida. (...) Como uma criança e um sábio, ele falava com as flores, entoava cânticos em louvor a elas e participava de sua vida inocente. (...) Sendo um eleito de Deus, Francisco compreendia a beleza da Terra como raras vezes outro poeta a compreendera, amava cada criatura, pequena ou grande, e elas o amavam e lhe davam respostas.

(...) Francisco não era, de forma alguma, um penitente triste nem misantropo. Gostava de palavras espirituosas, de alegria e animação, e, mesmo nos dias de maior sofrimento, jamais se amou com ninguém. (p. 38).

A voz de Francisco se fez ouvir e arrebanhou uma multidão de seguidores à, agora, chamada Ordem dos Frades Menores, os Minoristas. Muitos homens ricos despojaram-se de seus bens e seguiram a pobreza de Francisco. Uma pobreza alegre, acompanhada pelo canto dos pássaros, que pareciam gente, que amavam, seguiam e ouviam o santo homem.

Não podemos falar do Francisco de Hesse sem nos emocionarmos. A beleza da narrativa e o seu amor pelo “Poverello”, que – como nenhum outro personagem foi tão venerado através dos séculos na Itália e no mundo –, encantam o leitor.

O outro Francisco nos é mostrado pelo olhar do renomado historiador francês, o medievalista Jacques Le Goff (1924-2014). Não menos belo, mas sob o rigor da pesquisa acadêmica, é o Francisco histórico no contexto de sua época que interessa ao autor em *São Francisco de Assis* (RJ: Record, 2021), obra publicada em 1999, na França.

Le Goff afirma que era duplamente interessado por São Francisco de Assis: pelo personagem histórico e pelo homem, cuja vida estudou por meio de documentos, separando fatos e lendas, o joio do trigo, como a biografia adocicada de São Boaventura, só revista pelas exigências da crítica do fim do século 19, da qual destaca: “(...) Mas o autêntico ponto de partida da busca do verdadeiro São Francisco é a obra fundamental do protestante Paul Saba-

tier, de 1894.” (p. 54). E o que temos é a grande admiração de Le Goff pelo santo que esteve à frente de seu tempo em várias questões, a exemplo do respeito pela mulher, como atesta a admiração e confiança em Clara, a quem destinou a direção de um convento.

O Francisco histórico, fruto de extensa e embasada bibliografia, fala da vida desregrada do jovem rico filho de comerciante de tecidos que tinha o sonho de ser cavaleiro, que gostava de cantar e escrever poemas em francês, língua que amava; fala de sua conversão, dos milagres e peregrinações; fala da pobreza, da alegria (“pobreza com alegria”), da simplicidade, do gosto pela beleza, da humildade, da obediência, da organização da Ordem, das regras rígidas e, sobretudo, do amor a Cristo. Tudo inserido no contexto econômico e cultural dos séculos 12 e 13, em que Francisco deu início à vida em comunidades e buscou a igualdade entre as pessoas. Época em que surgem as corporações e as universidades.

Le Goff conclui:

Por fim, os Franciscanos deram um modelo histórico concreto do homem novo, penitente dilacerado e finalmente crucificado: o próprio Francisco, única personagem, no cristianismo, a ter desempenhado, à imitação do modelo de Jesus e em seguimento a ele, esse papel na cristandade do Ocidente.

(...) Poucos movimentos religiosos foram mais bem inseridos que o dos Menores – apesar de suas grandes dificuldades, suas contradições, suas derrotas – na atualidade profunda de seu tempo, adaptando-se a uma sociedade nova no progresso como em suas rejeições, exprimindo em nível ideológico e espiritual a passagem do feudalismo para o capitalismo, ou antes, segundo a expressão de José Luís Romero, o desenvolvimento de um sistema feudal-burguês.

(...) E na época atual, em nossos olhares, nossos esforços devem antes de tudo se voltar para os trágicos países do terceiro mundo e nelas tomar como modelo os pequenos, os pobres, os oprimidos, permanece, apesar das derrotas, dos escorregões, das traições, a lição do franciscanismo em seu grande movimento no sentido dos leigos. Essa é ainda, enquanto a fome, a miséria a opressão não forem vencidas, uma lição de plena atualidade. (pp.242, 243).

O que, com certeza, o Papa Francisco assinará embaixo.

POEMAS DE LÊDA SELMA

ALÉM DO SONHO

este cansaço
mais e mais
me debilita
e delimita
meu tempo,
pouco a pouco.
As divisas
de minha chegada
são estacas
de sombras murchas.

Sei, últimos, estes passos
– espaço dos restos
desagregados de mim –
que me levam
para depois do sonho.
Sei, doloroso, esse retorno
que me recolherá
ao útero primeiro.

INSTANTE

Senta aqui, aqui pertinho,
escuta, atento, meus olhos,
põe meu coração no colo
e teu desejo em meu ventre.
É noite. E o tempo tem todo o tempo.

Sente os passos de meus dedos
pisando-te a trilha de fogo,
desata teus medos todos
e deixa o sonho escapulir.
Vem. O tempo inda é madrugada.

Aquieta o desassossego,
aporta esta vontade matreira
e faz da entrega uma trégua,
e deixa a verdade fugir.
É dia. E o tempo tem toda a pressa.

RAZÃO E EMOÇÃO

Não queres
o caminho largo
que te oferece
o sonho.
Nem o sentir forte
cravado na palavra
que te penetra.

Não ousas um passo
que desmarque
tuas fronteiras.
E se o limite
entre razão e emoção
se faz marco, paras.
(Parar é sempre mais fácil!)

ILIMITE

Te dei todos os sonhos
e a nascente do amor.
Te dei a estrela única
no último minuto da noite
tão única e tão sozinha.

Te dei o beijo inacabável
que durou a infinidade do instante.
E te mostrei as frestas
de meus cantos
e compartimentos.

Te revelei o avesso do medo
e o reverso da espera.
E busquei impedir
que teus sonhos embrionários
morressem, tentando fugir.